

A SUBVERSÃO DE ESPINOSA: UMA ÉTICA NA DETERMINAÇÃO

Bruno Gabriel Eisele (PIBIC/CNPq), Paulo Ricardo Martines (Orientador), E-mail:
prmartines@uem.br

Universidade Estadual de Maringá, Departamento de Filosofia, Maringá, PR.

Área do conhecimento: Ciências Humanas, Filosofia/Ética/História da Filosofia

Palavras-chave: Espinosa; vontade livre; Ética.

RESUMO

Diante da forte conexão entre a ética e a liberdade da alma na história da filosofia, a ética de Espinosa parece, à primeira vista, impossível: como é possível passar da paixão à ação se o homem é determinado pela absoluta necessidade da natureza de Deus e carece de uma vontade livre? Nossa pesquisa buscou responder essa pergunta através de uma análise dos fundamentos metafísicos da ética de Espinosa e seus argumentos para a rejeição da vontade livre, presentes nas partes I, II e III da obra *Ética*, e da exposição do desenvolvimento da ética espinosista presente nas partes IV e V. Concluímos que Espinosa identifica o caminho que conduz à liberdade com o conhecimento dos afetos possível graças a potência da mente para pensar e conceber ideias adequadamente.

INTRODUÇÃO

À primeira vista, devido à forte conexão entre liberdade da alma e a ética na história da filosofia, a ausência de uma vontade livre na filosofia de Espinosa parecia acarretar, necessariamente, na impossibilidade de pensar uma ética. Em Platão, se não houvesse uma potência própria da alma para governar, a justiça, enquanto harmonia interna, não seria possível; nos Estoicos, por mais que a alma se identificasse com a razão, a virtude não seria possível de ser conquistada se a alma não pudesse sempre e livremente assentir ou não às impressões exteriores; em Descartes, a possibilidade de governar as paixões dependem, diretamente, da liberdade da vontade. Em outras palavras, para pensar uma ética, isto é, uma maneira de passar das paixões à ação, parecia inevitável assentir à alguma forma de liberdade da alma. Neste sentido, no que se refere a filosofia de Espinosa, na medida em que ele rejeita radicalmente a vontade livre, estabelece o homem na condição de determinado e naturalmente submetido às paixões, a ética parecia impossível. Mas é justamente estabelecer um “caminho que conduz à liberdade” o objetivo da *Magnum Opus* de Espinosa, a *Ética demonstrada a maneira dos geômetras*. Nossa pesquisa partiu então desse aparente paradoxo entre a filosofia de Espinosa e a tendência da história da filosofia em fundamentar a ética na liberdade da alma e buscou responder à pergunta: como é possível uma ética sem vontade livre?

REVISÃO DE LITERATURA

A realização desse projeto se deu através do estudo da obra *Ética demonstrada a maneira dos geômetras* de Bento de Espinosa, buscando articulá-la com textos de comentadores. Dessa maneira, o estudo foi dividido em dois níveis, um principal, onde foi lido a obra maior de Espinosa, a *Ética*; e um nível secundário, onde foi estudado textos de comentadores relevantes para o tema, como o livro *A nervura do real* de Mariela Chauí (1999) e *Espinosa e o problema da expressão* de Giles Deleuze (2017). Dessa maneira, a pesquisa se deu por consulta e revisão bibliográfica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como a obra analisada em questão se expõe segundo o método geométrico, onde cada proposição posterior depende logicamente das proposições fundamentadas anteriormente, tivemos que, antes de partir para as sessões da obra dedicadas exclusivamente ao tema da ética, analisar de que modo Espinosa fundamenta sua metafísica nas partes I e II, sessões que se dedicam, respectivamente, à Deus e à natureza da mente humana. Na parte I, vimos que Espinosa desenvolve uma discussão complexa sobre metafísica da substância e estabelece a tese do monismo substancial, isto é, que “Tudo o que existe, existe em Deus, e sem Deus, nada pode existir nem ser concebido” (Espinosa, 2007, I, prop. 15). Isso implica que, sendo a natureza de Deus absolutamente necessária, já que ele é causa de si e não pode ser concebido se não como existente (*ib.*, prop. 11), todas coisas que existem em Deus e são parte de sua essência são, igualmente, necessárias. Esse é, em resumo, como argumentamos através da análise da proposição 29 da parte I, o argumento de Espinosa para rejeitar a vontade livre: como a liberdade da vontade pressupõe que nossas ações sejam contingentes, ela é impossível, já que tudo o que existe, enquanto parte da essência absolutamente necessária de Deus, existe necessariamente, e não de maneira contingente (*ib.*, prop. 29).

Na parte II, por sua vez, vimos como Espinosa compreende a natureza do homem a partir da metafísica do monismo substancial desenvolvida na parte I. Como a única substância que existe é Deus, e tudo o mais existe nele como modo, é necessário que o homem seja uma modificação da natureza de Deus. Daí que vem a tese do paralelismo mente e corpo. O homem é a união de dois modos, um modo do pensamento, isto é, uma mente, e um modo da extensão, um corpo, e ambos estão unidos necessariamente na medida em que são mente e corpo. Diferentemente do dualismo substancial de Descartes, Espinosa não tem que explicar a união da mente e do corpo humanos pois, na medida em que o homem é mente e corpo enquanto modificação de Deus, o homem é mente e corpo de uma única substância, isto é, a mente e o corpo do homem são a modificação de uma única e mesma coisa (Espinosa, 2007, II, prop. 7, escól.). Essa tese permite negar

uma concepção muito comum à tradição filosófica: a hierarquia entre mente e corpo. Como a mente e o corpo são uma e a mesma coisa expressas de maneiras distintas, é impossível que a mente aja sobre o corpo fazendo-o padecer. Quando a mente age, o corpo age, e quando a mente padece, o corpo padece, e vice-versa (*ib.*, III, prop. 11). Além disso, nessa sessão, Espinosa desenvolve a tese da identidade entre ideia e volição, o que permite a rejeição da vontade como uma faculdade distinta do intelecto (*ib.*, II, prop. 49). As ideias que o intelecto concebe são, elas próprias, afirmativas e negativas entre si, de modo que uma faculdade de negação e afirmação, como a vontade, não é necessária.

Por fim, vimos como Espinosa fundamenta sua doutrina do conatus e como dela deriva o sentido dos afetos ativos, as ações, e os afetos passivos, as paixões, e também os três afetos fundamentais da parte III, a saber, a alegria, a tristeza e o desejo. O conatus, como grau de potência para existir que é a essência própria de cada modo, quando não está constrangido por nenhuma causa exterior, produz ações segundo sua própria natureza, são os afetos ativos, e, determinado por causas exteriores, padece, isto é, é tomado por alguma paixão ou afeto passivo. Tais afetos podem aumentar ou diminuir a potência desse modo para continuar existindo, e daí provem os afetos alegres e tristes. O desejo, por sua vez, como Espinosa define, é a própria essência do homem, isto é, esse mesmo esforço que ele exerce ontologicamente para existir (Espinosa, 2007, III, Definição geral dos afetos, 1).

CONCLUSÕES

Essas três teses nos permitem, finalmente, entender de que modo Espinosa é capaz de pensar uma ética na determinação. Através do monismo substancial, entendemos que o homem não é, por definição, um ser autônomo, causa de suas próprias ações, ou, como Espinosa caracteriza, “um império dentro de um império” (*ib.*, III, pref.), mas sim, um ente que existe em outro, a saber, Deus, e, na medida em que Deus é necessário, o homem existe, assim como todas as outras coisas da natureza, necessariamente. Através da doutrina do paralelismo, compreendemos que não há hierarquia entre mente e corpo e que tudo o que ocorre num, ocorre, simultaneamente, no outro (*ib.*, prop. 11). Além disso, como Deleuze nota (2017, pg. 176), o corpo é tomado, por Espinosa, como modelo de compreensão da mente, na medida em que a mente humana nada mais é que uma ideia cujo objeto é o corpo humano. Daí que as afecções do corpo são, na qualidade da mente, afetos para a mente, e vice-versa. A doutrina do conatus, por seu turno, permite-nos compreender como os afetos se produzem no homem, o que possibilita passar, finalmente, para a ética de espinosista.

Diferentemente de toda a tradição filosófica, a resposta para o problema das paixões dada por Espinosa não coloca nossa razão numa luta contra elas, muito pelo contrário, aposta na potência da nossa mente de compreender tais paixões, pois, na medida em que uma paixão, enquanto ideia, nada mais é que uma ideia confusa, ao compreendê-la, ela deixa imediatamente de ser uma paixão e se

transmuta numa ação da mente (Espinosa, 2007, V, prop. 3). Daí que, portanto, conclui Espinosa (*ib.*, prop. 4, escólio), não podemos conceber outra solução que seja mais benéfica para nossos afetos do que aquela que se baseia no pleno entendimento verdadeiro delas, já que não existe nenhuma outra potência mental além da de pensar e conceber ideias adequadamente.

A ética se revela, portanto, como o próprio caminho ou processo de reflexão sobre os afetos (Chauí, 2011, pg. 95). A conquista da liberdade, da autonomia ou da virtude, não depende mais da ação de nossa vontade que, como que do exterior dos nossos conflitos passionais, decide por uma ação ou outra, mas sim da nossa própria potência para pensar quando estamos internamente dispostos (Espinosa, 2007, V, prop. 10). Através da filosofia de Espinosa, podemos concluir, portanto, que o “erro” da tradição foi ter pensado a mente como substancialmente distinta do corpo, e a razão como essencialmente oposta aos afetos, quando o caminho que nos conduz a liberdade está justamente no contrário: na vivência da razão como uma “experiência afetiva” (Chauí, 2011, pg. 95).

AGRADECIMENTOS

Agradecemos profundamente ao ilustre Departamento de Filosofia (DFL) da Universidade Estadual de Maringá, pela formação indispensável, tanto técnica quanto pessoal, para a realização de pesquisas como esta. A instrução e ensino desenvolvidos pelo impecável corpo docente deste departamento constitui um elemento sem o qual o interesse e competência envolvidos na elaboração deste projeto não existiriam. Agradeço especialmente ao Prof. Dr. Paulo Ricardo Martines, pela orientação e aconselhamento no estudo e construção deste projeto. Agradeço igualmente ao PIBIC/CNPq por incentivarem financeiramente através de bolsas científicas pesquisas como essas, o que contribui significativamente para a ciência em nosso país. Por fim, agradecemos a comunidade universitária como um todo, cuja postura investigativa e engajada com a melhoria sincera das condições da existência humana é uma constante inspiração.

REFERÊNCIAS

- CHAUÍ, M. **A nervura do real I**. Editora Schwarcz, 1999.
- CHAUÍ, M. **Desejo, paixão e ação na ética de Espinosa**. Campania das Letras, 2011.
- DELEUZE, G. **Espinosa e o problema da expressão**. Editora 34, 2017.
- ESPINOSA, B. **Ética**. Editora Autêntica, 2007.